

Validação e confiabilidade metodológica na pesquisa qualitativa: aplicações a um estudo em pedagogia do esporte

RESUMO

A pesquisa qualitativa em pedagogia do esporte conquistou reconhecimento acadêmico, mas ainda pairam dúvidas sobre sua aleatoriedade, subjetividade e falta de rigor com base na ética do/a pesquisador/a. Defendemos, apoiado em reflexões filosóficas, posição favorável à busca por rigorosidade metodológica na pesquisa qualitativa, porém, nossa posição não se baseia na cisão, mas no diálogo possível entre as premissas positivistas que sustentam a busca por rigorosidade e a possibilidade de pleno envolvimento do/a pesquisador/a com o campo de pesquisa. Diante deste contexto, apresentamos os nossos esforços na condução de um estudo de pós-graduação sobre competições de jovens, apresentando os caminhos metodológicos percorridos em busca de validação e confiabilidade dos procedimentos de coleta de informações e tratamento analítico aos dados qualitativos.

PALAVRAS-CHAVE: Competição; Esporte de jovens; Metodologia de pesquisa; Pesquisa qualitativa

Lucas Leonardo

Doutor em Educação Física e Sociedade
Universidade Federal do Amazonas,
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia,
Manaus, Brasil
lucasleonardo@ufam.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-1567-0686>

Tathyane Krahenbühl

Doutora em Ciências
Universidade Federal do Amazonas,
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia,
Manaus, Brasil
tathy04n@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6801-4861>

Alcides José Scaglia

Livre Docente em Pedagogia do Esporte
Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Ciências Aplicadas,
Limeira, SP Brasil
scaglia@unicamp.br
<http://orcid.org/0000-0003-1462-1783>

Methodological validation and reliability in qualitative research: applications to a study in sports pedagogy

ABSTRACT

Qualitative research in sport pedagogy has conquered academic recognition, but doubts about its randomness, subjectivity and lack of rigor based on researcher ethics. We defend, based on philosophical reflections, a position favorable to the adoption of criteria of methodological rigor for qualitative research, however, our position is not based on a split, but on the possible dialogue between the positivist premises that support the search for rigor and the possibility of full involvement of the researcher with the research field. Thus, we present our efforts in conducting a postgraduate study on youth competitions, presenting the methodological paths traveled in search of validation and reliability for data collection procedures and analytical treatment of qualitative data.

KEYWORDS: Competition; Youth sports; Research methodology; Qualitative research

Validación y confiabilidad metodológica en investigación cualitativa: aplicaciones a un estudio en pedagogía del deporte

RESUMEN

La investigación cualitativa en pedagogía del deporte ha conquistado reconocimiento académico, pero aún quedan dudas sobre su aleatoriedad, subjetividad y falta de rigor a partir de la ética del investigador. Defendemos, con base en reflexiones filosóficas, una posición favorable a la adopción de criterios de rigor metodológico para la investigación cualitativa, sin embargo, nuestra posición no se basa en una escisión, sino en el diálogo posible entre las premisas positivistas que sustentan la búsqueda de rigor y la posibilidad de total involucramiento del investigador con el campo de investigación. Así, presentamos nuestros esfuerzos en la realización de un estudio de posgrado sobre competencias juveniles, presentando los caminos metodológicos recorridos en busca de la validación y confiabilidad para los procedimientos de recolección de informaciones y tratamiento analítico a los datos cualitativos.

PALABRAS-CLAVE: Competición; Deporte juvenil; Metodología de investigación; Investigación cualitativa

INTRODUÇÃO

As pesquisas qualitativas visam analisar os fenômenos cotidianos mediados pelos indivíduos que dele participam, e ao dar voz a estes agentes sociais, estudos desta natureza se estabelecem mediante o diálogo entre os padrões socialmente postos e aquilo que é desviante e inesperado. Desvelando esta realidade a partir de informações, opiniões e percepções dos indivíduos, as investigações qualitativas precisam superar a mera descrição da realidade, ao apresentar contribuições sobre conceitos já existentes ou mesmo novas informações que sejam emergentes do próprio estudo (FLICK; VON KARDORFF; STEINKE, 2004; FLICK, 2010, YIN, 2016).

No tocante à pedagogia do esporte, e mais especificamente no que tange os atuais estudos sobre o papel da competição infantil em contexto nacional – o ponto de interesse que nos une enquanto pesquisadores/as –, concordamos com Flick, Von Kardoff e Steinke (2004), pois compreendemos que a pesquisa qualitativa alcançou um status de “pesquisa normal”, sendo progressivamente mais bem aceita em periódicos de boa circulação e que dão visibilidade a este tipo de investigação (ver LEONARDO; SCAGLIA, 2018; KRAHENBÜHL et al., 2019; GONÇALVES; GONZÁLEZ; BORGES, 2019; REIS-FURTADO; CARBINATTO, 2020; BETTEGA et al., 2021; OROZCO et al., 2022).

Apesar destes avanços, as investigações qualitativas ainda sofrem desconfiança por serem interpretadas como aleatórias, sem rigor e tendenciosas (OLLAIK; ZILLER, 2012), afinal, representam uma abordagem que tensiona a representatividade que o paradigma científico positivista possui em relação às formas de produção de conhecimento que são consideradas legítimas e válidas.

Entendemos que tal tensão se deve, entre outros aspectos, às formas de interação entre o/a pesquisador/a e os dados empíricos, uma vez que, enquanto o pensamento positivista postula a produção do conhecimento através de um esforço de controle de possíveis vieses do pesquisador sobre os dados da pesquisa – justificativa básica para a busca por rigorosidade na coleta e tratamento dos dados –, as premissas da pesquisa qualitativa partem de princípios diferentes, tais como: (i) o íntimo envolvimento do pesquisador com o cenário e os participantes da pesquisa, (ii) a concepção do pesquisador como instrumento primário de coletas de dados e (iii) a possibilidade de que novas hipóteses e questionamentos possam emergir durante o processo de indução presente nas etapas da pesquisa (COUTINHO, 2008; ULLRICH et al., 2012; YIN, 2016).

Deste modo, a mera transferência de critérios de rigorosidade metodológica originadas de pressupostos positivistas para o interior dos estudos qualitativos, quando à luz das Ciências Sociais, representaria a manutenção do traço normativo que a natureza qualitativa busca superar e deslegitimaria seus esforços para romper com os métodos e técnicas de pesquisas quantitativas.

Considerando que a gênese desta tensão está na relação entre o/a pesquisador/a e a forma de obtenção e tratamento dos dados, entendemos que este debate se alicerça no estado de (des)confiança sobre os modos como são conduzidos os estudos científicos, cuja origem remete à clássica cisão entre concepções quantitativas e qualitativas mais radicais, remetendo-nos à seguinte problemática: “Devemos confiar – ou não – ao/a pesquisador/a que conduza sua investigação tendo como pressuposto básico sua idoneidade?”. Esta (des)confiança, portanto, se instala num sentido ético, o qual vamos desenvolver a partir de agora.

Ética em pesquisa: justificando a defesa da adoção de critérios de rigorosidade na pesquisa qualitativa

De partida, apresentamos nossa posição favorável à busca por rigorosidade metodológica na pesquisa qualitativa, porém, nossa posição não se baseia na cisão, mas no diálogo possível entre as premissas positivistas que sustentam a busca por rigorosidade e a possibilidade de pleno envolvimento do/a pesquisador/a com o campo de investigação.

Para dar forma a esta aparente contradição, entendemos ser necessário compreender a concepção geralmente ampla – e pouco explorada – do que seria a dimensão ética do/a pesquisador/a a partir de uma ótica dialógica. Para isso, teremos Ricoeur (2014) como a lente filosófica a partir da qual sustentaremos que o exame das decisões tomadas ante a investigação deve levar em consideração a existência de um plano ético e de um plano moral do/a pesquisador/a.

O plano ético equivale às representações das vontades deste/a pesquisador/a, permitindo olhar para o homem/mulher da ciência como ser desejante e que, portanto, visa algo para si no desenrolar de sua trajetória acadêmica. Para isso, decisões são tomadas tendo como critérios deliberativos “o/a pesquisador/a que se *quer ser*” na comunidade acadêmica e em face às especificidades e singularidades dos percursos de cada um/a. A pesquisa qualitativa se legitima a partir dessa perspectiva, uma vez que valoriza a construção dos caminhos da investigação que tenham a sensibilidade do/a pesquisador/a como elemento norteador do processo de produção do conhecimento.

O plano moral, por sua vez, se estabelece na relação do/a pesquisador/a com as normas que permeiam a condução de um estudo e que visam assegurar as escolhas metodológicas mais desejáveis e aceitas no interior do mundo acadêmico. As pesquisas quantitativas se assentam nesta esfera moral ao guiar os passos do/a investigador/a através de técnicas e instrumentos universalmente reconhecidos como capazes de conferir validade e confiabilidade metodológica.

De pronto, dada às raízes cartesianas que tradicionalmente definem o que é aceito como produção científica válida, é muito fácil imaginar que o caminho manifesto pelo desejo ético seria um desvio à cientificidade – lugar de pensamento de onde nascem a maioria das críticas à pesquisa qualitativa (OLLAIK; ZILLER, 2012) –, o que faz ser legitimado como um *a priori* o uso de recursos que reduzam as inclinações do/a pesquisador/a, uma vez que, numa linha argumentativa kantiana, tal envolvimento contaminaria a investigação.

Mas este não parece ser o melhor caminho argumentativo numa análise a partir de Ricoeur (2014), uma vez que o filósofo não fomenta a cisão entre *querer* e *dever* – traduzida pelos desejos do/a pesquisador/a e os instrumentos metodológicos normativos, respectivamente – ao assumir um profundo e complexo diálogo entre a vontade e obrigação, que a partir de uma interpretação ética baseada em Morin (2017), podemos caracterizar como uma “ecologia da ação”.

Fazendo referência às três etapas do diálogo ecológico ético-moral proposto por Ricoeur (2014)¹ – logo, não hierarquizável, embora representado numa sequência que pode parecê-lo – argumentamos que (i) o ponto de partida de uma pesquisa é aquilo o que energiza o/a pesquisador/a e lhe dá motivos para querer pesquisar e dar continuidade à busca “do/a pesquisador/a que eu *quero* ser”. Assim, existe a primazia do desejo que nos leva à uma visada investigativa que é anterior aos deveres que temos enquanto pesquisadores/as².

Isso não significa dizer que *o que se quer-ser* está isento de limites socialmente constituídos. Na esteira de Ricoeur (2014) faz-se necessário (ii) que normas conduzam estas vontades na busca de superar um possível fomento de escolhas investigativas excessivamente autocentradas³. Crivar o que se *quer* a partir dos limites socialmente aceitos de “um/a pesquisador/a que *devo* ser” é um processo

¹ “[...] 1) a primazia da ética sobre a moral; 2) a necessidade da visada ética passar pelo crivo da norma; 3) a legitimidade de um recurso da norma à visada, quando a norma conduz a impasses práticos [...], quando nenhuma norma é um guia seguro para o exercício do respeito (RICOEUR, 2014, p. 185).

² Isso revela o quão questionável, numa cadeia ético-moral, é conduzir estudos a partir de projetos de pesquisa que são direcionados ou prescritos pelo orientador ao orientando. Sabemos que eticamente falar disso é chover no molhado, pois não é novidade que a imposição de algo a alguém é um tipo de violência, mas na prática, não é raro o uso deste tipo de recurso numa esteira de produção de conhecimentos à qual os pesquisadores estão imersos. Trata-se de um jogo difícil de ser bem jogado dada cultura de produtividade em que vivemos, mas não podemos deixar de salientar que no seu cerne, tudo gira em torno de um outro que comigo se relaciona. Longe de querer exaurir este debate, o que buscamos destacar é que o sentimento de *dever* – aceitar livremente uma imposição por escolha pessoal – para com a pesquisa, só poderá ser nutrido quando se *quer* pesquisar um dado tema, afinal, todo dever é antes de tudo um querer (TOGNETTA; LA TAILLE, 2008).

³ O que equivaleria à tentativa de comprovar “a todo custo” aquilo o que se deseja evidenciar na pesquisa, fazendo emergir o que Ricoeur (2014) denomina como a prevalência do *o amor a si mesmo*, uma fonte de comportamentos fechados para si mesmo sem a devida abertura relacional para o outro. É, assim, a injunção de uma vontade que, apressadamente e sem as devidas mediações da normatividade, sobrepõem-se à solicitude ao outro envolvido na pesquisa, seja diretamente – ao fazer ataques diretos a sujeitos envolvidos no processo competitivo do esporte a partir de simples observações de suas práticas –, seja indiretamente – ao traçar críticas e julgamentos a sujeitos do esporte a partir de relatos de terceiros sem a devida utilização de recursos metodológicos que poderiam buscar novas informações, tornando claro um viés de pesquisa baseado na conveniência de dados encontrados que não são postos à prova e à possibilidade de falseamento.

que busca conferir um amparo moral ao desejo ético sem repreender aquilo que energiza o investigador qualitativo.

A partir de Ricoeur (2014), consideramos interessante trazer à tona uma reflexão: se as obrigações com a boa condução da pesquisa não entram em conflito com os desejos do/a pesquisador/a, torna-se possível universalizar estes procedimentos, afinal, quando vontades também representam obrigações, temos em movimento percurso metodológico capaz de respeitar tanto os anseios de quem pesquisa – o que se *quer* pesquisar – como as suas obrigações para com a divulgação dos achados de uma investigação – o que *deve* ser feito.

Por fim, e aí emerge o que consideramos a maior contribuição do pensamento ricoeuriano para o debate que aqui abrimos, (iii) existirão casos muito específicos – exceções à regra – em que o crivo de normas e processos metodológicos que visam conferir rigorosidade ao estudo podem desrespeitar o/a pesquisador/a qualitativo/a. Estas situações representam casos em que a aderência aos processos de rigorosidade metodológica resulta num/a pesquisador/a cujas percepções são subestimadas, seus processos indutivos são desautorizados e sua participação como sujeito da pesquisa acaba por ser instrumentalizada. A partir do que propõe Ricoeur (2014), em casos como estes, os procedimentos que visam conferir rigorosidade à pesquisa qualitativa precisam ser colocados em questão.

Um uso comum desta suspensão momentânea aos procedimentos normativos se dá quando, mediante uma abordagem de categorização das informações feita de modo dedutivo – baseado num arcabouço teórico previamente estudado e apresentado como originador de temas (QUEIRÓS; LACERDA, 2013) –, o/a pesquisador/a não consegue respaldar importantes achados de sua investigação, levando-o/a ao uso de sua sensibilidade, experiências e interações com o ambiente social estudado para propor indutivamente novas e inéditas categorias/temas que o/a ajudem a dar os contornos necessários ao estudo.

Isso ocorre, por exemplo, quando um fato ou ponto de vista muito específico – que não consegue ser posto à prova dada sua singularidade – possui um impacto tão significativo para um estudo que promove toda uma nova linha interpretativa aos dados e informações coletadas. Num caso como este, mesmo que pouco representativo do ponto de vista da sua estabilidade e frequência dentre as demais informações levantadas, esta observação/opinião ganha notoriedade e não pode ser deixada de lado.

Será, portanto, o próprio pesquisador a decidir como incluir este excerto em sua pesquisa, o que provavelmente impactará na definição de uma categoria/tema que emerge do próprio estudo e que, por vezes, tensiona todo arcabouço teórico prévio, fazendo da normatização metodológica um

processo que, por reduzir o papel da subjetividade/afetividade do/a pesquisador/a, limita o alcance da investigação.

É importante frisar, porém, que este recurso se trata de uma negociação com as determinações metodológicas que visam dar rigorosidade ao estudo – e não sua negação ou superação –, de modo que se mantenha intacto o *espírito que rege as normas*, afinal, como destaca Ricoeur (2014), diante de casos de exceção no qual a regra é o ponto original do conflito, as regras poderão ser traídas o *mínimo possível*. Isso possibilita a criação de comportamentos inventados apenas, e especificamente, para a circunstância que assim exige. Portanto, a busca pela rigorosidade na produção do conhecimento, embora negociada em termos metodológicos através de certo distanciamento quanto à sua aplicação, permanece no *horizonte* e ao *alcance* do/a pesquisador/a que não abandona seu o compromisso moral com a produção de conhecimento em investigações qualitativas. Para isso, utiliza como recurso à normatividade positivista aquilo que o move em seu plano ético, destacando a importância de seu papel como instrumento ativo de pesquisa, em consonância com Yin (2016).

Mediante estas reflexões, retomamos o nosso ponto de vista em defesa de que pesquisadores/as qualitativos/as não renunciem aos conhecimentos produzidos para a busca de rigorosidade científica sob a justificativa de que a negação de tais métodos se dá pela simples alegação de que podem interferir negativamente em seu papel de pesquisador/a qualitativo/a. Afinal, abandonar tais práticas em investigações qualitativas – e principalmente o *espírito* de se conduzir rigorosamente um estudo – pode instalar um comportamento de risco que venha a transformar a excessiva confiança em si, enquanto um/a pesquisador/a idôneo/a – mas falível, e portanto, digno de contradições –, em desconfiança quando da divulgação de seus achados.

É preciso, sob nossa linha argumentativa, entender que existe uma relação dialógica entre o que se *quer-ser* e o que se *deve-fazer* em meio à pesquisa qualitativa.

Confiabilidade e validade na pesquisa qualitativa e a busca de rigorosidade metodológica

A rigorosidade dos processos metodológicos pode ser visada a partir de, pelo menos, dois tipos de orientação, uma que estabelece critérios de confiabilidade e outra que busca estabelecer a validade da pesquisa.

Um estudo confiável é aquele cuja estabilidade e precisão sejam conquistadas pela consistência das condições de coleta e análise das informações (PAIVA JR; LEÃO; MELLO, 2011; MAYRING, 2014). Desta forma, é necessário que haja rigor na verificação dos procedimentos adotados, por meio de um constante ir e vir entre coleta, análise, codificação e categorização dos

dados. Estes procedimentos buscam conferir exaustividade tanto à coleta e análise das informações, como à comparação dos resultados parciais e finais (MAYRING, 2014).

Um estudo é dotado de validade quando os métodos utilizados representam um esforço para se saber se os/as pesquisadores/as veem o que realmente acham que veem, ou seja, se existe um *continuum* entre as informações coletadas e a versão fornecida pelo/a pesquisador/a (FLICK, 2010). Nas pesquisas qualitativas, o recurso de validação está diretamente relacionado à emissão de outras opiniões sobre os procedimentos adotados.

Para Flick (2010) o processo de validação pode ser posto em prática mediante (i) a participação de um segundo pesquisador perito/expert sobre o tema, que fornece mais um ponto de vista para a discussão dos processos adotados, (ii) a necessária abertura para que haja a apreciação dos próprios participantes da pesquisa às informações obtidas por observações ou entrevistas e (iii) a constante busca de complementação das informações obtidas em campo, destacando o conceito de triangulação, que para Paiva Jr, Leão e Mello (2011) ampliam a oportunidade do acesso a resultados fidedignos com a realidade pesquisada.

A busca pela validade metodológica, portanto, se desenvolve por procedimentos que buscam minimizar as potenciais distorções que uma única fonte investigativa pode ter sobre os resultados da pesquisa em vista da compreensão mais completa do fenômeno (FLICK, 2004; 2010; YIN, 2016; PAIVA JR; LEÃO; MELLO, 2011; ULLRICH et al., 2012).

Os procedimentos de validação, neste sentido, partem da necessidade de o/a pesquisador/a qualitativo/a desconfiar minimamente dos achados obtidos numa fase exploratória do estudo, ou ainda, de sua própria percepção sobre o fenômeno. Isso não significa desacreditar a opinião ou percepção do participante ou mesmo de sua própria capacidade de ler o contexto estudado, mas, por recair ao/à pesquisador/a qualitativo/a a responsabilidade de tornar público achados que reflitam os dados de uma dada realidade investigada, a partir de interpretações que perpassam pela sua personalidade, é preciso cautela com aquilo que se apresenta. Entendemos que é imperativo ao seu papel o maior aprofundamento possível sobre o contexto estudado, evitando o risco de apego às conveniências que surjam em função de seus objetivos de pesquisa⁴.

Partindo desta contextualização, e inspirados por outras iniciativas que também buscam descortinar e detalhar os procedimentos metodológicos utilizados em seus estudos e pesquisas

⁴ Vale ressaltar que, embora seja um pressuposto importante da pesquisa qualitativa, a triangulação demanda tempo e isso representa um dilema ao pesquisador que vive uma realidade profissional em que a produtividade acadêmica assume o leme. A imposição do tempo *chronos* ao tempo *kairós* pode levar à decisão pelo urgente escoamento de informações oriundas das investigações qualitativas que, por estarem ainda num nível incipiente, podem resultar, caso seja a escolha do pesquisador – que pode negar-se a isso – na publicação de informações que não foram suficientemente estressadas em termos analíticos para comporem conhecimentos e saberes científicos. Levar a público uma especulação sob a assinatura de um texto acadêmico e original é algo a ser sempre considerando antes de se apertar o botão da “submissão”.

qualitativas na área da Educação Física (BENITES et al. 2016; FARIAS; IMPOLCETTO; BENITES, 2020), o objetivo deste trabalho é apresentar o nosso “caminho das pedras” na condução de um estudo de pós-graduação, devidamente aprovado em Comitê de Ética e Pesquisa – CAAE 57799916.1.0000.5404 – que foi defendido por Lucas – primeiro autor –, sob a orientação de Alcides – último autor –, e envolve a articulação entre uma pesquisa documental e as opiniões de treinadores/as e árbitros/as sobre modificações competitivas no handebol infantil (LEONARDO, 2018).

Optamos por divulgar esta experiência pelo fato dela ter sido conduzida mediante a concepção de que a busca por rigorosidade em pesquisa qualitativa é uma questão ética do/a pesquisador/a. Assim, apresentaremos nossos caminhos metodológicos detalhando os procedimentos de validação e confiabilidade adotados para coleta e tratamento analítico das informações inerentes à pesquisa antes mencionada.

DESENHO GERAL DA PESQUISA⁵

Os procedimentos que serão apresentados correspondem a um estudo cujos objetivos foram (i) caracterizar as principais mudanças competitivas no cenário do handebol infantil num dado contexto regional brasileiro; (ii) compreender como os regulamentos eram elaborados visando apresentar quais os objetivos de implementação destas mudanças e (iii) entender como a aplicação destas modificações regulamentares se davam na prática competitiva.

Para se debruçar ao ambiente competitivo modificado para a infância, tínhamos à nossa disposição diferentes fontes de informação: documentos sob forma de regulamentos competitivos com suas modificações e adaptações, treinadores e treinadoras que participavam do cenário competitivo, árbitros e árbitras que apitavam as competições, dirigentes que organizavam os eventos, as crianças e jovens que deles participavam, familiares que se envolviam com a prática esportiva de seus filhos e filhas, entre outros.

Seria um equívoco abordar a temática do estudo apenas por uma via, sob o risco de termos uma visão muito restrita do cenário. Assim, seguindo os pressupostos de busca de rigorosidade, optamos pela adoção da triangulação de fontes não-reativas – os documentos – e reativas – treinadores/as e árbitros/as.

A escolha destas fontes foi intencional: os documentos nos permitiram uma visão concreta do que se estabelecem como as normas de condução das competições, de modo que pudessem ser

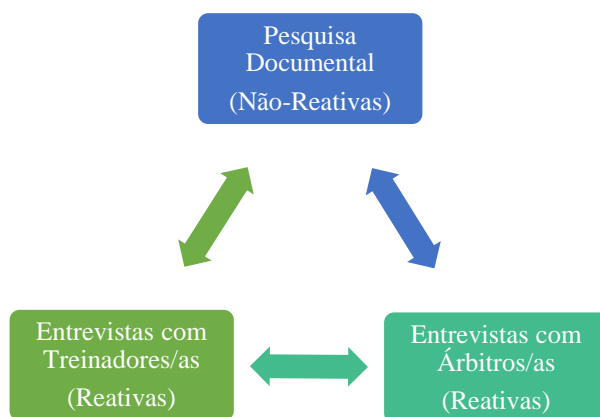
⁵ Todas as escolhas aqui apresentadas representam as nossas escolhas dentro de um universo de muitas abordagens metodológicas para a condução de coleta e análises de dados qualitativos. Embora tragamos especificidades metodológicas, o mérito de nosso estudo está no emprego de critérios de confiabilidade e validação.

contextualizadas as mudanças regulamentares propostas para as competições. O estudo e análise dos documentos – etapa 1 – nos permitiu maior familiaridade com o cenário, bem como ancoragem para reconhecer se informações oriundas das entrevistas – etapa 2 – eram pertinentes ou não com o texto regulamentar estudado, num sentido de validação das informações.

Já a escolha de treinadores/as e árbitros/as representava possíveis diferentes visões acerca do papel dos regulamentos modificados e de suas aplicações, de modo que os distintos ângulos de análise também assumiriam a função de permitir a comparação das narrativas, e assim destacar concordâncias e contradições para que conflitos e acordos pudessem ser identificados.

Assim, estas três fontes de informação definiram como premissa básica do desenho de nosso estudo a realização de uma triangulação de fontes de informação, que visava a oportuna possibilidade de comparar concordâncias e contradições presentes em unidades empíricas oriundas de diferentes fontes, num sentido de validação das informações, opiniões e percepções coletadas (FLICK, 2004; ULLRICH et al., 2012).

Figura 1 – Triangulação entre as fontes não-reativas e reativas utilizadas para condução da pesquisa



Fonte: Os/As autores/as.

Nos propusemos ainda à uso de uma triangulação metodológica (FLICK, 2004) entre dois procedimentos analíticos distintos, a Análise de Conteúdo segundo proposta de Bardin (2016) e a Análise Qualitativa de Conteúdo conforme proposto por Mayring (2014), combinando as forças de ambas as abordagens e visando a superação de limites de cada uma. Nosso objetivo foi obter maior robustez para apresentação dos resultados de nosso estudo.

Todos os procedimentos que estabeleceram os critérios e aplicações destas triangulações são apresentados detalhadamente a partir de agora.

O nosso “caminho das pedras”

Etapa 1 - A pesquisa documental e o processo de validação documental

Nossa investigação começou com a pesquisa de fontes documentais, opção tomada por ser este um importante meio para obtenção de dados para estudos qualitativos (GODOY, 1995). O papel desta etapa foi tratar as informações de regulamentos coletados, ainda em estado bruto, em representações que facilitassem o acesso, consulta e referência (BARDIN, 2016), tendo em vista responder à primeira questão de nosso estudo: “Quais são as modificações propostas ao cenário de handebol de jovens em diferentes competições do estado de São Paulo?”.

Por ser a internet uma importante ferramenta para pesquisas qualitativas (FLICK, 2010), uma parte dos documentos foi obtida em sites oficiais das entidades promotoras das competições, respeitando critérios éticos, afinal, apenas as informações de domínio público foram coletadas (CUNHA; YOKOMIZO; BONACIM, 2014). Outra parte dos documentos foi encaminhada pelas próprias entidades por meio de correio eletrônico e assinatura de carta de anuência, pelo fato de não disponibilizarem seus regulamentos de forma livre e pública.

Sabendo que que uma das limitações ao uso de documentos oriundos de fontes online é sua não-linearidade, pois podem ser modificados a qualquer momento (FLICK, 2010), buscamos validar estes documentos. Seguindo as orientações Flick (2010), os regulamentos foram triangulados com treinadores que participaram pelo menos de uma das competições cujos regulamentos foram coletados, procedimento crucial para nossa investigação, afinal permitiu identificar que um dos regulamentos havia sido modificado ao longo da competição e que a versão que tínhamos não era a mais atual. Isso nos levou a uma nova coleta realizada no site da entidade, que passou novamente pelo processo de peritagem e foi finalmente validado.

Etapa 2 – As entrevistas e os procedimentos de validação adotados

A segunda etapa de nossa pesquisa configurou-se num estudo de campo realizado por meio de entrevistas semiestruturadas com treinadores/as e árbitros que haviam participado destas mesmas competições, cujos documentos anteriormente coletados serviram de ponto de apoio para a validação das informações recolhidas nas entrevistas – triangulação de fontes de informação.

O objetivo desta etapa da pesquisa foi obter informações que pudessem apresentar evidências acerca de outras três perguntas norteadoras de nosso trabalho: (i) “Como os regulamentos são elaborados”, (ii) “Quais são os objetivos destas modificações?” e (iii) “Existe coerência entre os objetivos e as aplicações das modificações?”.

O roteiro de entrevista semiestruturado utilizado em nossa segunda parte do estudo partiu destas questões e foi validado por dois peritos, ambos docentes de universidades públicas e pesquisadores de programas de pós-graduação *stricto sensu*, com ampla experiência aplicada e na

produção de estudos e pesquisas em handebol e em pedagogia do esporte. Ainda, realizamos uma entrevista piloto com um treinador de handebol de jovens também atuante como árbitro internacional da modalidade. Após estes dois processos, finalmente o roteiro final de entrevista foi definido (Quadro 1).

Quadro 1 – Blocos temáticos e perguntas disparadoras de nosso roteiro de entrevistas

| Roteiro de entrevista semiestruturada |
|---|
| <p><u>Bloco 1: Sobre a gênese dos Regulamentos Adaptados:</u> “Qual foi o seu papel no processo de definição das adaptações de regulamento das competições que você participa?”</p> |
| <p><u>Bloco 2: Sobre os objetivos da implantação de adaptações regulamentares:</u> “Na sua opinião, quais são os objetivos de implantação de regulamentos adaptados nas competições em que você participa?”</p> |
| <p><u>Bloco 3: Sobre a aplicação das adaptações regulamentares:</u> “Como se dá a aplicabilidade das adaptações regulamentares nas competições em que você participa?”</p> |

Fonte: Os/As autores/as.

Além da gravação em áudio, também utilizamos uma lousa magnética em formato de prancheta com o desenho de uma quadra de handebol para os/a treinadores e árbitros representarem esquematicamente situações táticas com uso de apoio visual, registros estes gravados em vídeo com a garantia de confidencialidade. Das transcrições dos áudios e das análises dos vídeos, pudemos elaborar diversas representações gráficas para sintetizar as informações obtidas nas entrevistas. Todo este material foi enviado aos participantes por correio eletrônico para validação de seu conteúdo, seguindo orientações de Flick (2010). Não tivemos necessidade de nenhum ajuste.

Etapa 3 – Triangulação metodológica e os processos de validação e confiabilidade adotados

Com todos os dados brutos em mãos, buscamos meios de apresentar as informações de maneira sintetizada sem que as ideias contidas no material bruto se perdessem. Nos ancoramos na complementaridade entre a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016) e a Análise Qualitativa de Conteúdo (MAYRING, 2014), cuja triangulação metodológica (Quadro 2) conferiu maior robustez aos processos analíticos (GODOY, 1995), resultando num modelo de “Análise Qualitativa por Redução de Dados” que nos ofereceu a rigorosidade que desejávamos para a condução dos processos analíticos.

Quadro 2 – Limites, forças e complementaridades da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016) e Análise Qualitativa de Conteúdo (Mayring, 2014)

| Processos Analíticos | Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016) | Análise Qualitativa de Conteúdo (MAYRING, 2014) | Resultados da Triangulação dos Métodos |
|-----------------------------|---|---|--|
| Análise | [FORÇA] Apresenta três etapas bem delineadas e organizadas para sistematização das análises, a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos dados e interpretações | [FORÇA] Apresenta duas etapas de redução do material. A primeira redução destina-se à análise do material de base feito individualmente, e a segunda redução à integração dos materiais de base. Para isso, apresentam-se procedimentos específicos, como o parafraseamento e a generalização, utilizadas neste estudo (Figura 2). | Ao triangular os métodos, verificou-se que o processo de sintetização (MAYRING, 2014) encaixa-se bem à etapa de exploração do material (BARDIN, 2016), por estabelecer critérios e procedimentos para a definição de unidades de codificação e para o processo de codificação indutiva. |
| Escolha do Material | [FORÇA] Sugere a importância de delimitação do <i>corpus</i> da pesquisa, por meio de critérios de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Permite a seleção de materiais que tenham direta associação com o problema. | [LIMITE] Determina que o processo de sintetização seja realizado em todo material de base, mesmo que nele haja passagens que fujam ao problema central da pesquisa. | A definição do <i>corpus</i> conforme proposta de Bardin (2016) permite maior foco ao material de base nas informações de maior interesse à pesquisa. Empregar o processo de sintetização proposto por Mayring (2014) num material cujo <i>corpus</i> está delimitado, torna este procedimento mais objetivo, de modo a reduzir drasticamente a quantidade de informação a ser categorizada posteriormente e garantindo o acesso aos núcleos de sentido defendidos por Bardin (2016) que são encontrados nos materiais brutos. |
| Organização do Material | [FORÇA] Sugere a definição de unidades de registro através de temas que expressem os "núcleos de sentido" que compõem a comunicação. [LIMITE] Não estabelece procedimentos que orientem a definição de unidades de registro por meio de uma análise temática. | [FORÇA] Propõe que a sintetização é capaz de manter a representação das ideias contidas no material de base em sua integralidade. Apresenta regras ao processo de síntese, por meio de seis formas de redução: omissão, generalização, construção, integração ou seleção, conferindo rigorosidade aos procedimentos analíticos. (Figura 3). | |
| Categorização Indutiva | [FORÇA] Concebe a possibilidade de realização do processo de categorização indutiva, [LIMITE] mas não apresenta etapas para condução de um procedimento confiável, ao não definir critérios objetivos para verificação da estabilidade intra-codificador, tão pouco, de validade inter-codificadores. | [FORÇA] Estabelece as etapas detalhadas para a categorização por meio de uma abordagem indutiva, estabelecendo critérios claros para a verificação da estabilidade intra-codificador e validade inter-codificadores do processo de codificação (Figura 4). | A categorização indutiva defendida por ambos os métodos ganha rigorosidade com as etapas e procedimentos definidos por Mayring (2014), ampliando a confiabilidade e a validade aos processos empregados, apresentando como proceder num processo intra-codificador – usado na análise documental – e inter-codificadores – utilizado na análise das entrevistas. |
| Apresentação dos Resultados | [FORÇA] Apresenta de forma detalhada os processos e variáveis para a realização das inferências. [LIMITE] Os resultados são apresentados geralmente por expressões de uma só fonte de informação de cada vez, impossibilitando a compreensão da representatividade desta expressão em todo universo pesquisado. | [FORÇA] Permite a escrita de opiniões sintetizadas capazes de representar as ideias de mais de uma fonte de informação. Assim, torna-se possível mensurar a representatividade desta informação frente ao universo de pesquisa. | A possibilidade de reduzir o material por meio do processo de sintetização de Mayring (2014) permite que os resultados sejam apresentados sob a forma de excertos que representem um determinado número de fontes de informação. Isso oferece ao leitor a noção de representatividade da expressão frente ao universo da pesquisa. |

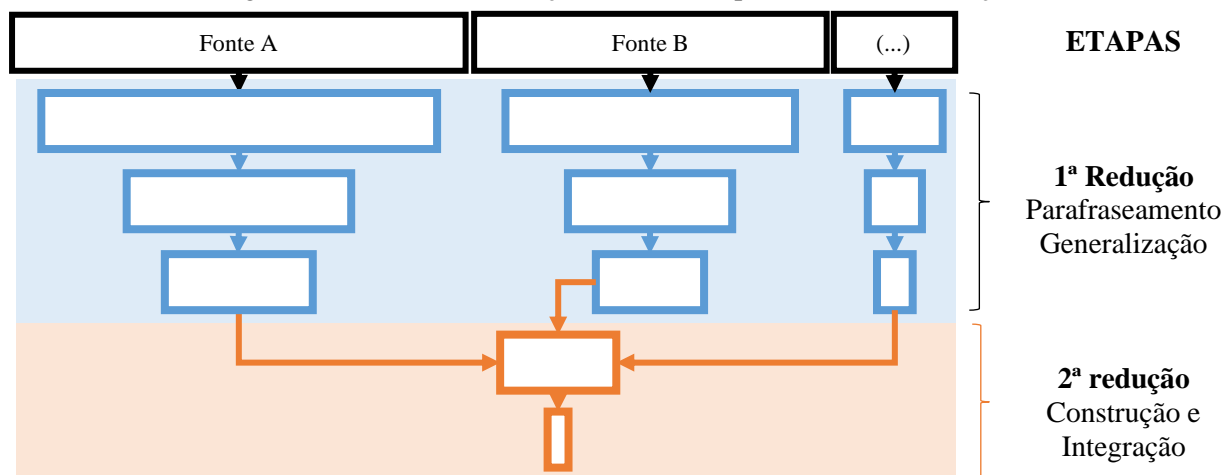
Fonte: Os/As autores/as.

Uma das principais forças encontradas na análise de conteúdo (BARDIN, 2016) são suas etapas de execução. A pré-análise nos ofereceu a possibilidade de definir um *corpus* para nossa pesquisa. Assim, nos debruçamos apenas sobre as informações oriundas do material bruto que fundamentalmente se alinhavam com nossos problemas de pesquisa para dar início à etapa da exploração do material.

Tínhamos em mãos seis regulamentos e quinze entrevistas que traziam muitas estabilidades, mas também muitas peculiaridades. Entendemos que a Análise Temática, anunciada por Bardin (2016) como um tipo de análise centrada na compreensão dos “núcleos de sentido” de cada parte dos materiais poderia ser uma forma interessante de tratamento das informações sustentadas numa abordagem indutiva, na qual as categorias emergem da interação entre pesquisador e o próprio estudo (QUEIRÓS; LACERDA, 2013; MAYRING, 2014).

Não encontramos na proposta de Bardin (2016) informações suficientemente concretas para a sistematização da análise temática. Esta limitação foi complementada pela proposta de sintetização da análise qualitativa de conteúdo (MAYRING, 2014) que nos permitiu a redução da quantidade de informações existentes nas bases de dados brutas sem que perdêssemos a essência central da informação⁶.

Figura 2 – Processo de redução do material por meio da sintetização



Fonte: Adaptado de Mayring (2014, p.78).

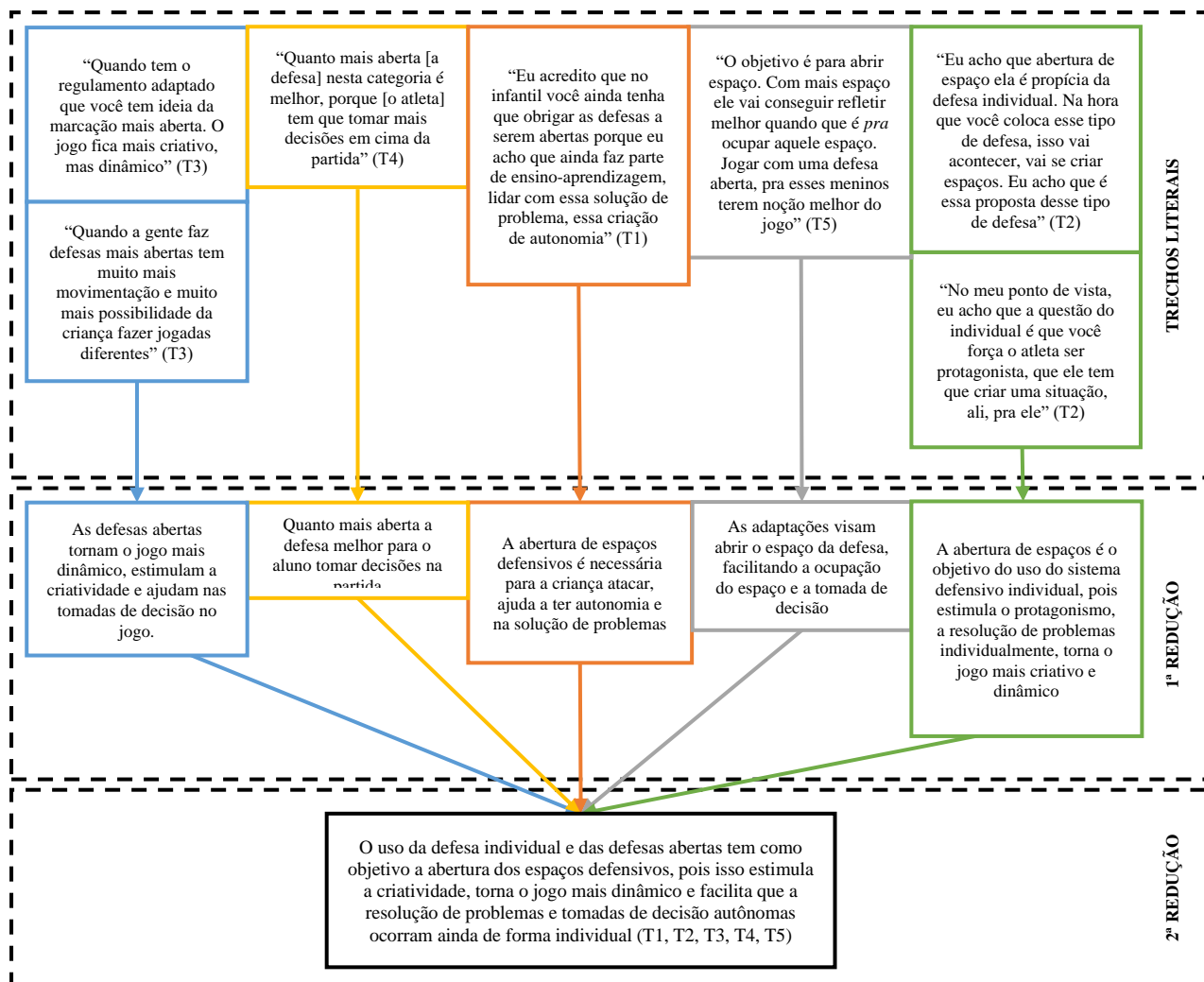
Inicialmente, como apresentado na Figura 2, para cada material de base realizamos o processo de primeira redução de dados, na qual os materiais são lidos e parafaseados. Parafasear, segundo Mayring (2014), é uma forma de redução que, por meio da generalização, permite que as mensagens essenciais do texto original sejam reproduzidas num texto mais enxuto. As frases semelhantes do

⁶ Segundo Mayring (2014) a interferência do pesquisador sobre o texto bruto, por ser sustentada por suas impressões pessoais e sustentação teórica norteadora do estudo, de modo a garantir a síntese das informações através de processos de redução implementadas durante a interpretação dos dados. Para o autor, a proposição de um processo de sintetização deve fazer prevalecer as informações em sua qualidade e não em quantidade de palavras presentes no texto.

mesmo material de base são resumidas numa só paráfrase, mais geral e abstrata, de modo a diminuir substancialmente a quantidade de informação para o futuro emprego do processo de codificação. Após esta etapa, realizamos a segunda redução de dados que, por meio de outras duas formas de redução, a construção e a integração, permitiu a busca de informações similares em materiais distintos visando a construção de um texto comum e com significado mais forte para a pesquisa.

A Figura 3 representa parte das reduções aplicadas às entrevistas com os/as treinadores/as e árbitros/as, apresentando como procedemos ao longo da primeira e segunda reduções. Estes procedimentos também foram aplicados aos documentos analisados, de modo que as fontes de informação foram resumidas a apenas três: 1) as adaptações regulamentares sintetizadas ou “Adaptações-Síntese” oriundas da pesquisa documental; 2) os áudios das entrevistas que foram transcritos e sintetizados ou “Respostas-Síntese”; e 3) as representações táticas baseadas nos vídeos ou “Representações-Táticas-Síntese”. Estes procedimentos findaram a etapa da *exploração do material* proposta por Bardin (2016).

Figura 3 – Exemplo de emprego do processo de sintetização por meio da primeira e segunda redução



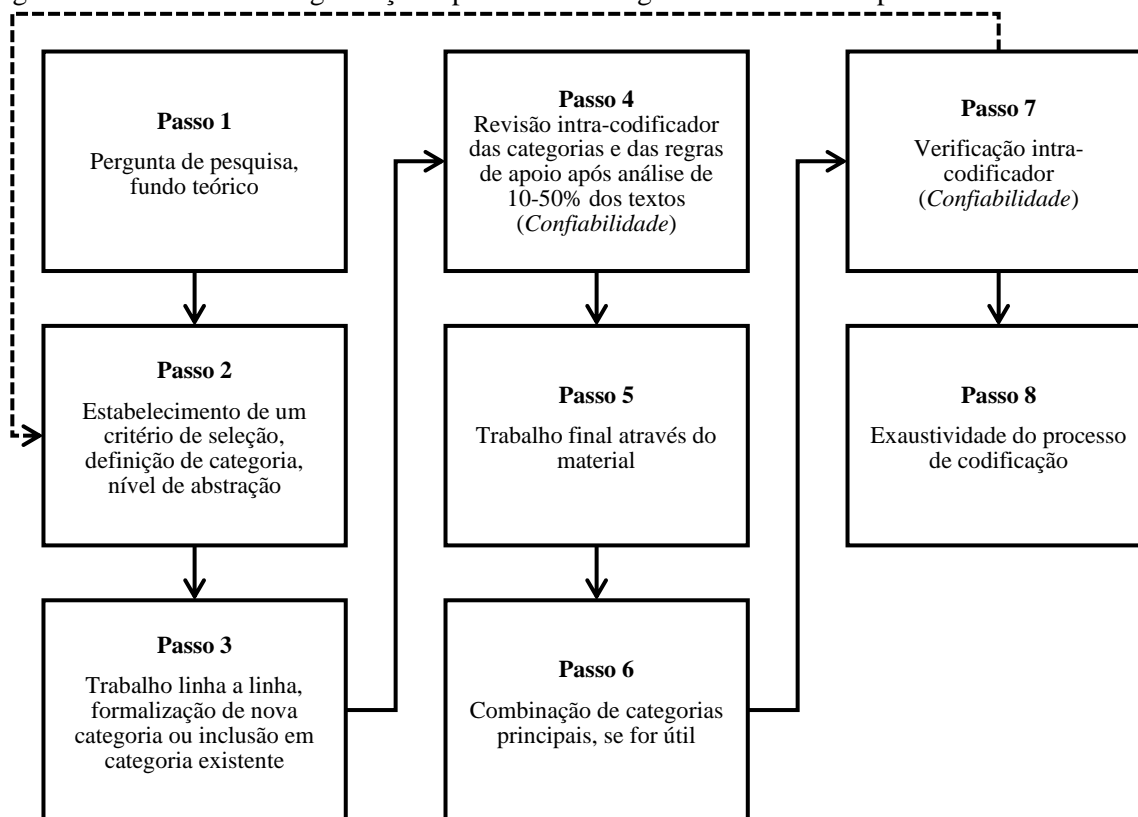
Fonte: Os/As autores/as.

Para dar início à etapa de *tratamento dos dados*, as informações sintetizadas passaram pelo processo de *categorização indutiva*, conduzidas por Lucas a partir dos pressupostos de confiabilidade de Mayring (2014). Iniciamos pela categorização linha a linha, na qual ordenamos as Adaptações, Respostas e Representações-Táticas-Síntese em listas independentes. Ao longo do processo de categorização, ou uma nova categoria era elaborada ou a informação era alocada numa categoria anteriormente estabelecida.

Após categorizar a metade de cada fonte de informação retornamos para a primeira linha de cada uma e verificamos se havia a necessidade de modificar a sua alocação ou se era necessária a definição de uma nova categoria. O processo de categorização indutiva só prosseguiu quando conseguimos estabilidade aos procedimentos analíticos, um critério de *confiabilidade*.

Como pode ser verificado no passo sete da Figura 4, Mayring (2014) sugere que após o emprego de todos estes procedimentos, uma nova checagem de todo o processo seja realizada. Para isso, adotamos a verificação *intra-codificador*, na qual Lucas realizou novamente todos os procedimentos de categorização indutiva retomando o trabalho e reavaliando os critérios adotados para cada fonte de informação. Flick (2010) reforça que a rechechagem contínua dos procedimentos adotados deve ser feita como forma de garantia de *confiabilidade* ao processo analítico.

Figura 4 – Processo de categorização a partir da abordagem indutiva e seus processos de confiabilidade



Fonte: Adaptado de Mayring (2014, p.80).

Etapa 4 – A verificação da confiabilidade e da validade geral dos procedimentos analíticos

Uma estratégia possível para se atestar a *confiabilidade* geral dos procedimentos adotados é a realização de um *re-teste* aos mesmos procedimentos analíticos. Para isso, é recomendado o teste de concordância intra-codificador para aferir o grau de estabilidade das análises realizadas entre duas codificações feitas pelo mesmo pesquisador em períodos cronológicos diferentes (MAYRING, 2014).

Propusemos este processo às análises realizadas sobre as fontes documentais (regulamentos competitivos). Depois de realizada toda análise dos regulamentos, Lucas se destas informações por um período de 30 dias, visando diminuir a sua familiaridade com os procedimentos adotados para realização das análises anteriores. Passado este período, Lucas reiniciou todo processo desde a pré-análise findando numa nova categorização das informações.

As duas análises independentes provenientes da mesma fonte de informações documentais foram comparadas com o uso do software QSR Nvivo 11.0, devido à possibilidade de utilização do teste Kappa, cujo índice identifica o grau de concordância entre as análises realizadas. O resultado da comparação estabeleceu um índice de 0,89, considerado excelente por Landis e Koch (1977), demonstrando a existência de estabilidade aos processos analíticos empregados e assegurando *confiabilidade* à análise dos regulamentos.

Para as análises das entrevistas (áudios e vídeos), optamos pela utilização do processo de *validação* mediante avaliação externa, na qual é verificado se os critérios adotados durante a análise podem ser considerados adequados. Para isso, uma abordagem inter-codificadores, na qual o material é analisado por diferentes indivíduos, é sugerido por Mayring (2014)⁷. Assim, optamos pela na supervisão de uma segunda codificadora – *expert* no tema estudado – aos processos analíticos empregados pelo primeiro. Seu papel foi confirmar se os procedimentos eram adequados e obedeceram aos critérios de rigorosidade propostos por Mayring (2014).

Deste modo, Lucas foi supervisionado por Tathiane, docente de universidade federal brasileira com experiência na disciplina de handebol e na produção de estudos e pesquisas qualitativas em handebol e em pedagogia do esporte, à qual figura como a segunda autora deste artigo.

Como procedimento analítico inicial, após a análise de cada um dos materiais durante a primeira e segunda reduções, Lucas apresentava à Tathiane as partes literais que foram selecionadas das entrevistas, as paráfrases propostas ao material individual e a sintetização dos materiais, conforme

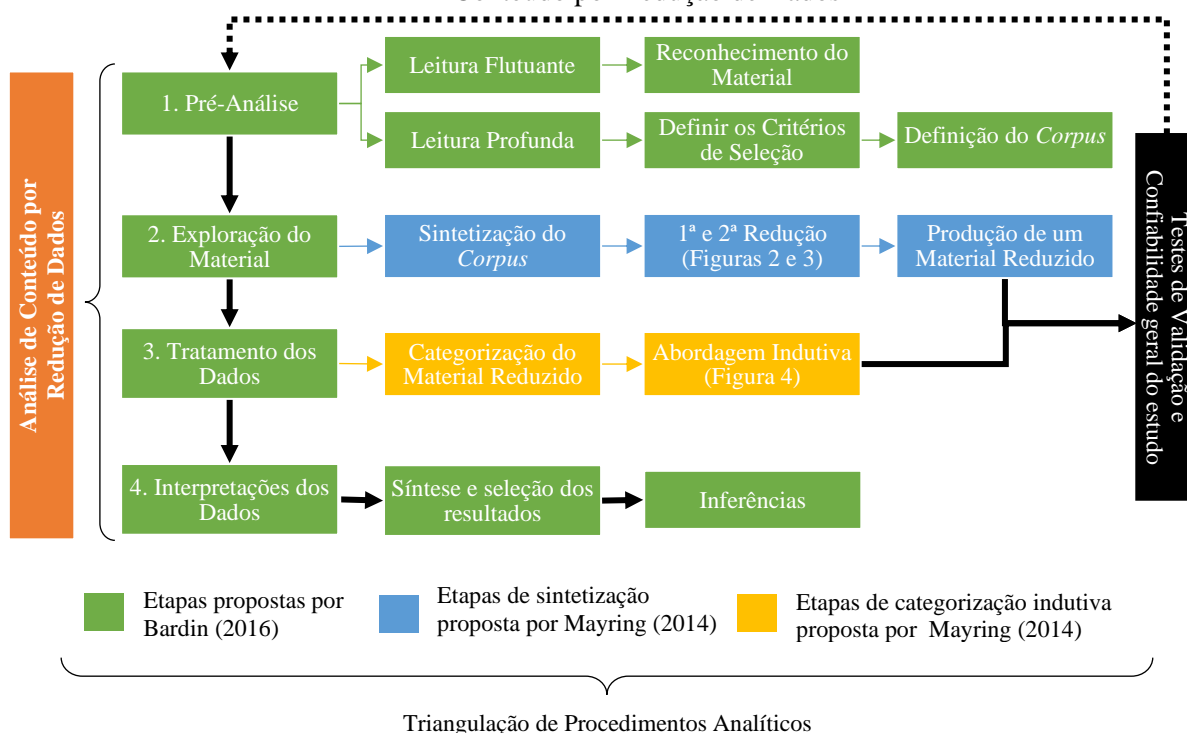
⁷ Mayring (2014) aponta que diferentemente da validação de análises quantitativas, um acordo perfeito entre dois analistas qualitativos dificilmente pode ser alcançado mesmo que partam das mesmas informações e se utilizem de critérios rigorosos previamente estabelecidos, devido às influências dos elementos interpretativos apoiados pela subjetividade de cada um.

representado pela Figura 3. Cada uma das paráfrases e reduções eram debatidas levando em consideração o sentido percebido por cada codificador aos trechos literais oriundos dos materiais de base e, quando necessário, eram realizados ajustes.

Vencida a etapa de sumarização das informações oriundas de documentos e entrevistas, devidamente *validados* pelo processo inter-codificadores, Lucas foi responsável pela categorização das informações (Figura 4). Ao final, as categorias os trechos sumarizados alocados a cada uma delas foram apresentados à Tathyane. Quando houve desacordo, ambos debatiam caso a caso até que as informações fossem alocadas às categorias previamente induzidas ou às novas categorias que emergiam. Assim, Tathyane colaborou com a construção de todo processo de categorização, *validando* os procedimentos adotados por Lucas.

Por fim, as *interpretações* foram realizadas de acordo com Bardin (2016), por meio da *síntese dos resultados e inferências* sobre as Adaptações, Respostas e Esquemas-Táticos-Síntese.

Figura 5 – Triangulação de procedimentos analíticos empregado para a análise de conteúdo: Análise de Conteúdo por Redução de Dados



Fonte: Os/As autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo detalhar as etapas metodológicas de um estudo de pós-graduação sobre modificações competitivas no esporte infantojuvenil. Sob as articulações éticas, baseadas num/a *pesquisador/a que quero ser*, e morais, a partir de um/a *pesquisador/a que devo ser*,

justificamos a importância de ter no horizonte da pesquisa o espírito normativo referente aos critérios de validade e confiabilidade em estudos de natureza qualitativa.

Neste sentido, mostramos, começando pela concepção básica do desenho do estudo e passando pela descrição detalhada de cada uma das etapas percorridas em nossos caminhos metodológicos, que tivemos como preocupação central a rigorosidade metodológica no interior de uma pesquisa qualitativa.

Como destaque, trazemos a importância da triangulação de fontes de informação por meio de materiais não-reativos e reativos, representando nosso esforço na busca de validade das informações recolhidas no campo pesquisado, bem como a utilização de uma triangulação de métodos apoiado na complementaridade das forças de duas abordagens qualitativas: (i) a análise de conteúdo apoiada em suas etapas de pré-análise, exploração do material, tratamento dos dados e interpretações, bem como na possibilidade de definir um *corpus* de pesquisa e (ii) a análise qualitativa de conteúdo apoiada na rigorosidade de seus procedimentos de redução de dados e nos processos estabelecidos para a categorização sustentada numa abordagem indutiva, conferindo confiabilidade e validade aos processos analíticos.

Mostramos também a importância da utilização do software QSR Nvivo 11.0 durante os procedimentos realizados para a análise documental, principalmente pela facilidade de uso do recurso de comparação de codificações para verificação da estabilidade dos procedimentos adotados pelo pesquisador.

Um ponto importante, que remete às articulações éticas e morais apresentadas neste artigo, foi a nossa escolha sobre como conduzir um processo de validação a partir de um/a avaliador/a externo/a (Etapa 4). Ao invés de optarmos pela comparação de dois codificadores que deveriam analisar os dados de modo independente em busca de um alto grau de concordância – como seria usual em estudos quantitativos, visando atestar a neutralidade do/a pesquisador/a –, conduzimos esta etapa através de um espaço de diálogo entre os diferentes codificadores, valorizando o papel do pesquisador principal que, por estar imerso ao ambiente de pesquisa, deve ser aquele a “dar o tom” às análises – embora com o devido espaço para que ponderações e mudanças possam emergir a partir de um segundo ponto de vista. Nos alinhamos, assim, ao nosso posicionamento em defesa da busca por rigorosidade metodológica abrindo a possibilidade de um debate das regras normativas, a partir de Ricoeur (2014), quando a regra pode desprezar o papel de protagonismo do pesquisador qualitativo.

Apresentamos, assim, o nosso “caminho das pedras” durante o desenvolvimento de uma pesquisa que se voltou ao cenário competitivo de jovens com a intenção de contribuir com os debates metodológicos sobre pesquisas qualitativas em pedagogia do esporte.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. 1 ed. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BENITES, Larissa Cerignoni; NASCIMENTO, Juarez Vieira do; MILISTETD, Michel; FARIAS, Gelcemar Oliveira. Análise de conteúdo na investigação pedagógica em educação física: estudo sobre estágio curricular supervisionado. **Movimento (Esefid/Ufrgs)**, [S.L.], v. 22, n. 1, p. 35, 11 dez. 2015. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.53390>.
- BETTEGA, Otávio Baggio; REVERDITO, Riller Silva; SANTOS, Fernando; GALATTI, Larissa Rafaela. Do papel do treinador ao ambiente competitivo no futebol infantil: o que está em jogo?. **Movimento**, [S.L.], v. 27, n. 1, p. 27058-27058, 8 out. 2021. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.107418>.
- COUTINHO, Clara Pereira. . A qualidade da investigação educativa de natureza qualitativa: questões relativas à fidelidade e validade. **Educação Unisinos**, [S.L.], v. 1, n. 12, p. 5-15, jan/abr. 2008.
- CUNHA, Julio Araujo Carneiro da; YOKOMIZO, Cesar Akira; BONACIM, Carlos Alberto Grespan. Miopias de uma lente de aumento: as limitações da análise de documentos no estudo das organizações. **Revista Alcance**, [S.L.], v. 20, n. 4, p. 431, 28 maio 2014. Editora UNIVALI. <http://dx.doi.org/10.14210/alcance.v20n4.p431-446>.
- FARIAS, Alison Nascimento; IMPOLCETTO, Fernanda Moreto; BENITES, Larissa Cerignoni. A análise de dados qualitativos em um estudo sobre educação física escolar: o processo de codificação e categorização. **Pensar A Prática**, [S.L.], v. 23, e57323, 18 set. 2020. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/rpp.v23.57323>.
- FLICK, Uwe. Triangulation in qualitative research. In: FLICK, Uwe; VON KARDORFF, Ernest, STEINKE, Ines (Ed.). **A companion to qualitative research**. London: Sage, 2004. p. 178-183.
- FLICK, Uwe. **An introduction to qualitative research**. London: Sage, 2010.
- FLICK, Uwe; VON KARDORFF, Ernest; STEINKE, Ines. What is qualitative research? An introduction to the field. In: FLICK, Uwe; VON KARDORFF, Ernest, STEINKE, Ines (Ed.). **A companion to qualitative research**. Londo: Sage, 2004. p. 3-11.
- GODOY, Arlinda Schimdt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, [S.L.], v. 35, n. 3, p. 20–29, mai/jun. 1995. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/38200>. Acesso em: 26 abr. 2023.
- GONÇALVES, Valéria; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BORGES, Robson Machado. A abordagem da competição esportiva na escola: uma pesquisa-ação com professores de Educação Física. **Motrivivência**, (Florianópolis), v. 31, n. 57, p. 01-13, jan/mar. 2019. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2019e54308>.
- HERMANS, Harry. Interviewing as an activity. In: FLICK, Uwe; VON KARDORFF, Ernest, STEINKE, Ines (Ed.). **A companion to qualitative research**. London: Sage, 2004. p. 209-213.
- KRAHENBÜHL, Tathyane; SOUZA, Nilva Pessoa de; GALATTI, Larissa Rafaela; SCAGLIA, Alcides José; LEONARDO, Lucas. Competição de base e a formação de jovens atletas na perspectiva de treinadores de elite no handebol. **Pensar a Prática**, [S.L.], v. 22, 53089, 27 jun. 2019. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/rpp.v22.53089>.

LEONARDO, Lucas. **Um estudo das competições de handebol de jovens do estado de São Paulo**: caracterização das adaptações competitivas e opiniões de treinadores e árbitros sobre suas aplicações. 2018. Mestrado (Educação Física e Sociedade). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2018.

<https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=470342>

LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José. Oito anos de adaptações competitivas na federação paulista de handebol: um estudo documental da categoria sub-14. **Motrivivência**, [S.L.], v. 30, n. 55, p. 75-92, 9 out. 2018. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2018v30n55p75>.

MAYRING, Philipp. **Qualitative content analysis**: theoretical foundation, basic procedures and software solution. Klagenfurt: Institute of Psychology and Center for Evaluation and Research, 2014. Disponível em: <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ss0ar-395173>. Acesso em: 26 abr. 2023.

MORIN, Edgar. **O método 6**: ética. Porto Alegre: Sulina, 2017.

OLLAIK, Leila Giandoni; ZILLER, Henrique Moraes. Concepções de validade em pesquisas qualitativas. **Educação e Pesquisa**, [S.L.], v. 38, n. 1, p. 229-242, 9 fev. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-97022012005000002>.

OROZCO, Abel Merino; VÁZQUEZ, Alfredo Berbegal; PÉREZ, Ana Arraiz; SIERRA, Fernando Sabirón. Expresión del valor de la competitividad en la formación físico-deportiva del fútbol escolar. **Movimento**, [S.L.], v. 28, e28025, 14 abr. 2022. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.118194>.

PAIVA JÚNIOR, Fernando Gomes de; LEÃO, André Luiz Maranhão de Souza; MELLO, Sérgio Carvalho Benício de. Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em administração. **Revista de Ciências da Administração**, [S.L.], p. 190-209, 14 dez. 2011. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8077.2011v13n31p190>.

QUEIRÓS, Paula; LACERDA, Teresa. A importância da entrevista na investigação qualitativa. In: MESQUITA, Isabel; GRAÇA, Amandio. (Org.). **Investigação qualitativa em Desporto**. Porto: Porto, 2013. v. 2, p. 177-206.

REIS-FURTADO, Lorena Nabanete dos; CARBINATTO, Michele Viviene. Competição esportiva na infância: análise dos regulamentos de ginástica rítmica. **Motrivivência**, [S.L.], v. 32, n. 63, p. 01-22, 24 jul. 2020. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2020e72097>.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; LA TAILLE, Yves de. A formação de personalidades éticas: representações de si e moral. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S.L.], v. 24, n. 2, p. 181-188, jun. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-37722008000200007>.

ULLRICH, Danielle Regina, et al. Reflexões teóricas sobre confiabilidade e validade em pesquisas qualitativas: em direção à reflexividade analítica. **Análise**: Revista de Administração da PUCRS, [S.L.], v. 23, n. 1, p. 19-30, jan/abr. 2012. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/face/article/view/11329>. Acesso em: 26 abr. 2023.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso Editora, 2016.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Projeto aprovado em Comitê de Ética e Pesquisa, sob número do CAAE: 57799916.1.0000.5404.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores desconhecem possíveis conflitos de interesses

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITORA DE SEÇÃO

Letícia de Assis

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Maria Vitória Duarte

HISTÓRICO

Recebido em: 26.04.2023

Aprovado em: 21.06.2023

